



O que esperar das exportações?

As exportações brasileiras caíram 6% em março de 2009 em relação ao mesmo mês de 2008, em valor. Até a metade de 2008 as exportações vinham crescendo em média 20% ao ano, sustentadas pelos preços mundiais em alta das *commodities* e pelo efeito estimulante das altas taxas de crescimento em nível mundial. Em paralelo, as importações que, também vinham crescendo significativamente, caíram, porém numa proporção menor, o que determinou uma redução no saldo da balança comercial. A avaliação é do economista e professor da Univates, Eduardo Lamas, que nesta semana, aponta as perspectivas do setor para 2009.



Redução na corrente de comércio

A partir de setembro de 2008 com o aprofundamento da crise a trajetória de crescimento da corrente de comércio mudou radicalmente: os preços das *commodities* sofreram forte queda, os principais parceiros comerciais do Brasil entraram em recessão, a taxa de câmbio desvalorizou e o crédito tornou-se escasso para as empresas exportadoras. O que se deve lamentar não é a diminuição quantitativa do saldo comercial, e sim, a diminuição da corrente de comércio, que por ora distancia a economia brasileira de uma maior eficiência e de parte dos fluxos tecnológicos.

Falta qualificação profissional

Sob uma perspectiva conjuntural o quadro não deve se modificar antes do final de 2010. As medidas de incentivo ao crescimento doméstico dificilmente podem restabelecer a oferta de exportações. Estas dependem de políticas de longo prazo, que envolvem mecanismos estáveis de financiamento e investimento em infraestrutura física e capital humano. Com isso o país poderia transformar uma pauta de exportações tecnologicamente pobre como a atual numa com maior valor agregado. O Brasil poderia ser um destacado exportador de serviços se o capital humano e sua força de trabalho não fosse tão pouco qualificada. Poderia seguir os exemplos da Índia e da Coreia que se tornaram exportadores de serviços médicos, serviços de informática e mesmo serviços de contabilidade, porém não antes de reformar seus sistemas educacionais e prover incentivos efetivos para que as pessoas também se qualificassem por esforço próprio.

Outro obstáculo que as exportações enfrentarão a seguir é ascensão do protecionismo, especialmente dos países ricos. Praga típica de épocas de crise, o protecionismo desfruta de uma boa receptividade nos parlamentos e mesmo na opinião pública. Tentativas de negociações internacionais no âmbito dos países líderes não têm conseguido promover políticas mais cooperativas. Como resultado, as exportações de países menos desenvolvidos devem sofrer mais.

O panorama gaúcho

Em nível regional, o Rio Grande apresentou uma queda de 22% no valor das exportações em março de 2009 em relação a março de 2008, especialmente pela natureza de sua pauta de exportações, liderada por produtos cujos preços internacionais caíram como fumo, carnes e calçados. Também contribuíram para a queda nas exportações a estiagem e o protecionismo extremo da Argentina, que ainda é o segundo maior parceiro comercial do Estado. A exemplo da pauta nacional, a pauta gaúcha é tecnologicamente pobre e desnecessariamente volátil, não apenas em termos de preços como nas condições de oferta; basta uma estiagem ou uma febre aftosa para que as exportações entrem em colapso. As exportações gaúchas também sofrem de uma infraestrutura em deterioração, que compromete ademais o restante das atividades econômicas locais, na falta de grandes investimentos.

Entrevista concedida em 30 de abril de 2009.

Obs.: As opiniões inseridas na coluna são de responsabilidade do entrevistado.

É função do economista prestar consultoria avaliando economicamente os empreendimentos, compreendendo a análise dos ativos e passivos, da rentabilidade e fazer uma previsão de de lucro futuro.